

# RESISTÊNCIA INCANSÁVEL

Df-

**MORADORES DA COLÔNIA AGRÍCOLA ÁGUAS CLARAS IMPEDIRAM DERRUBADA DE CASAS NO PRIMEIRO DIA DE OPERAÇÃO. SIV-ÁGUA GARANTE QUE DEMOLIÇÃO SERÁ CONCLUÍDA EM BREVE**

**Luciano Rodrigues e Ana Paula Galli**

Ontem, a operação de derrubada na Colônia Agrícola Águas Claras foi marcada pela revolta dos moradores. Depois de um dia inteiro de trabalho de 170 homens, o Siv-Água não conseguiu demolir as sete edificações que ocupam uma Área de Preservação Permanente (APP), por causa da resistência. Os tratores se limitaram a remover portões, muros, canis e construções externas, além de cortar o abastecimento de água e energia elétrica. No entanto, os trabalhos no local continuam nesta semana até que as casas sejam todas demolidas.

Por volta das 6h30, os moradores da chácara 32 já espe-

ravam apreensivos a chegada dos tratores e caminhões do Siv-Água. A ideia era impedir a entrada dos servidores. Para atingir o objetivo, posicionaram carros na entrada, fizeram barreira com pneus em chamas e deram os braços, formando uma parede humana. Composta por servidores da Polícia Militar, Belacap, Caesb e Siv-Solo, a equipe responsável pela operação chegou ao local por volta das 10h.

Com a resistência dos moradores, que contaram com a cooperação de pelo menos 100 pessoas, eles conseguiram conter a operação até as 12h, quando entrou em cena o Batalhão de Choque. A ordem era dispersar a multidão para que os servidores pudessem iniciar as derrubadas.

Depois que a barreira foi

rompida, a esperança dos moradores das sete casas presentes na lista das demolições se sustentava em um pedido de suspensão da operação, que foi feito por um advogado contratado por eles. O chamado Agravo de Instrumento só atingiu seu objetivo por alguns minutos. Isso porque o gerente da operação, Major Casado, concordou em esperar até as 14h por uma resposta do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e Territórios (TJDFT).

Por volta das 15h, um grupo de moradores comemorou, aos gritos, a suposta aprovação do documento. "Saiu a liminar. Vocês já podem ir para casa, porque ninguém vai derrubar nada aqui", berrou uma das moradoras. Ansiosos pela confirmação do fato, todos aguar-

davam o documento, que chegou 15 minutos depois nas mãos de um dos moradores que adentrou correndo na chácara.

Submetido a análise do Major, veio a decepção. O documento apresentado não era suficiente para conter a ação no local. "Eles só trouxeram um protocolo que confirma que eles entraram com um pedido na Justiça. Não quer dizer que ele tenha sido lido ou julgado", considerou. O pedido de liminar foi negado pela 5ª Vara de Fazenda do TJDFT, havendo sido encaminhado para a 6ª Turma Cível. Depois do alarme falso, os tratores retomaram o serviço.

No entanto, a resistência dos moradores não pôde ser evitada. Eles preferiram encarar os tratores, entrando na frente se fosse necessário. Ao aproximar da

máquina, os mais corajosos – ou mais desesperados – entravam na frente de braços abertos. Outros partiram para a violência, recebendo o operador com uma chuva de pedras, que vinha do andar de cima da casa 35 acompanhada de gritos de desespero. Com medo de terem suas casas demolidas, os moradores procuravam manter sempre alguém no interior.

Para o Major Casado, os esforços de ontem foram para convencer os moradores a cooperar e permitir que o governo fizesse o seu trabalho, o que não ocorreu. "Não vamos recorrer à violência. Por isso, começamos com a parte externa e com o corte de água e luz. Mas a operação continua amanhã (hoje) até cumprirmos o nosso trabalho", afirma.